

ASSEMBLEIA DOS ORDINÁRIOS CATÓLICOS DA TERRA SANTA

CARTA PASTORAL PARA O ANO DA FÉ

A fé é uma firme segurança do que esperamos e uma demonstração do que se não vê

(Hebreus 11:1)

Aos nossos queridos irmãos e irmãs em Cristo,

Padre, diáconos, religiosos e religiosas e a todos os fiéis

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco.

1- A Igreja proclama o “Ano da Fé”

No dia 11 de Outubro de 2012, a Igreja universal abre o “Ano da Fé”, anunciado pelo Santo Padre, o Papa Bento XVI. Nesse mesmo dia a Igreja comemora os 50 anos do início dos trabalhos do Concílio Vaticano II pelo Papa João XXIII, e os 20 anos da promulgação do catecismo da Igreja Católica pelo Papa Paulo VI. Estes aniversários de bom augúrio traçam já um itinerário para o ano que vem. Além disso, em Outubro de 2012 realizar-se-á a próxima Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos em torno do tema. *“A nova evangelização para a propagação da fé cristã”*

No dia 14 de Setembro de 2012, Sua Santidade O Papa Bento XVI assinou a exortação apostólica “Igreja no Médio Oriente” na Basílica grega melequita católica de S. Paulo, Harissa, no primeiro dia da sua visita ao Líbano. Depois entregou-a aos Patriarcas católicos do Médio Oriente durante a missa pontifícia que celebrou em Beirute, no domingo seguinte, 16 de Setembro. Na introdução da exortação escreveu *“O exemplo da primeira comunidade de Jerusalém pode servir de modelo para a renovação da actual comunidade cristã para fazer dela um espaço de comunhão pelo testemunho”* (Ecclesia in Medio Oriente, n.4).

O Santo Padre ao explicar a sua intenção para este “ano da fé” escreveu: *“Empenhada em perceber os sinais do tempo nos dias de hoje da história, a fé incita cada um a tornar-se um sinal vivo da presença do Ressuscitado no Mundo. Aquilo de que o mundo de hoje necessita é do testemunho credível de todos aqueles que, iluminados no espírito e no coração pela Palavra do Senhor, são capazes de abrir o coração e o espírito de muitos ao desejo de Deus e da verdadeira vida, a que não tem fim”*. (Porta fidei, n 15). O Papa Bento XVI apoia o Conselho e o Catecismo como dois tesouros contemporâneos que nos ajudam a viver como discípulos de Cristo nesta nova era e com os seus inúmeros desafios.

2 - “Um sinal vivo do Senhor ressuscitado” na Terra da Fé e da Ressurreição.

Em colaboração com a Igreja Universal, nós damos também graças por estes dois tesouros que constituem os documentos do Concílio Vaticano II e do Catecismo da Igreja Católica. A estes dois documentos acrescentamos as Actas do Sínodo para o Médio Oriente, a Exortação Católica, já mencionada, as cartas pastorais dos Patriarcas católicos do Oriente e os dezasseis documentos do Plano pastoral geral dados depois do Sínodo da Igreja Católica na Terra Santa (publicado em 2010). São fontes importantes para a renovação, sempre necessária, na nossa vida de cristãos. Encontramos aí um primeiro compromisso para este ano: estudar estes documentos e definir um plano de acção que os transforme numa conduta de vida para nós.

Podemos também contar com os discursos pronunciados durante as três visitas efectuadas nesta Terra Santa pelo sucessor de S. Pedro: o Papa Paulo VI em 1964, o Beato Papa João Paulo II em 2000 e o Papa Bento XVI em 2009.

O que significa ser “**um sinal vivo da presença do Senhor ressuscitado**” no nosso próprio país, nesta terra dita santa e que está intimamente ligada à história desta fé? “A nossa terra é bendita porque é o berço da revelação divina e da história da salvação. Além do mais e acima de tudo é a terra da Encarnação divina” (Igreja de Jerusalém, Plano Pastoral Geral, 6). Foi para esta terra que Abraão foi chamado, pela sua própria terra, a comprometer-se numa caminhada de fé que nos guia, ainda hoje, quando meditamos na sua narrativa nas Santas Escrituras. Desde esta época, a nossa terra é a geografia desta história de fé, de Abraão a Moisés e a David; depois os padres, os reis, os sábios do Antigo Testamento Àquele que responde às suas orações aos seus sacrifícios aos seus oráculos Jesus de Nazaré, Senhor ressuscitado “aquele que abriu a nossa fé e a porta à perfeição (Hebreus 12, 1) A grande nuvem de testemunhos da fé (cf. Hebreus 12) que abundam nas escrituras, brotou da mesma terra.

Lá, ainda, a Igreja Nasceu no Pentecostes e de lá estendeu-se a toda a terra. Esta Igreja Mãe de Jerusalém, guardiã da fé dos apóstolos, é a nossa igreja e continua a propor-nos modelos de fé, ainda hoje: A Beata Maryam Bavardi, a Beata Maria Alfonsina, a Venerável Samaan Sruji. Um ano da fé é um tempo para se tomar a sério o desafio de constituir uma comunidade de santos para que a Igreja Mãe possa continuar a ser um farol luminoso.

A nossa terra, talvez mais do que nenhuma outra, é chamada a irradiar fé. Milhões de pessoas vêm aqui para renovar a sua fé frequentando os lugares santos. No entanto, nós somos chamados com as nossas próprias orações e súplicas, com a nossa diversidade de ritos e com a continuidade do nosso permanente testemunho de mais de dois mil anos, nós somos chamados a ser um “povo de fé” de uma forma exemplar. O Ano da Fé é uma ocasião para reflectir sobre a forma como nós, enquanto crentes e enquanto Igreja, podemos “*ser um sinal vivo da presença do Senhor ressuscitado*” nesta terra e em todo o mundo.

3 - Renovação da Igreja na Terra Santa

Temos necessidade de uma profunda conversão diária, uma renovação constante do Espírito a fim de cumprirmos a nossa missão enquanto discípulos e apóstolos de Cristo nesta Terra, testemunha da vitória de Cristo sobre a morte, e vivendo como sinais de Jesus Ressuscitado. São Paulo lembra-nos que no baptismo renascemos para uma vida nova: “*Não sabeis que, baptizados em Cristo Jesus, é na sua morte que somos, que todos nós fomos baptizados? Nós fomos portanto amortalhados com ele pelo baptismo na morte, a fim de que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do pai, nós vivamos uma nova vida*” (Romanos 6, 3-4). O *Instrumento Laboris* para o Sínodo dos Bispos sobre a Nova evangelização exprime: “*A fé cristã é um encontro real, uma relação com Jesus Cristo. Transmitir a fé significa criar, em todos os lugares e em todos os tempos, as condições para que aconteça este encontro entre os homens e Jesus Cristo. Toda a Evangelização tem por objectivo realizar este encontro, ao mesmo tempo íntimo e pessoal público e comunitário*” (n. 18)

Como sinais vivos da presença do Senhor ressuscitado, nós procuramos renovarmo-nos, nós próprios, durante este Ano da Fé, e damos graças pelos dons de que somos rodeados. Neste país, acolhemos o fluxo constante de peregrinos que vêm renovar a sua fé. Eles são para nós uma constante chamada de atenção da geografia privilegiada na qual vivemos. Nós somos membros de uma Igreja enriquecida por dezenas de congregações religiosas que procuram construir a sua casa nesta Terra de Jesus de Nazaré. A sua dedicação, através das suas escolas, universidades, hospitais, clínicas, orfanatos, lares para idosos e para deficientes, assim como casas para reformados é uma chamada constante de que *“Assim como o corpo sem alma está morto, da mesma forma que sem obras ela está morta”* (Tiago 2, 26). De uma maneira mais particular somos enriquecidos pelos mosteiros contemplativos, lugares de oração vitais, que afluem igualmente à nossa terra, que estão espalhados na nossa terra. As comunidades novas, dinâmicas pela sua vida nova, afluem igualmente à nossa terra oferecendo a sua experiência do Ressuscitado e as suas riquezas através da renovação.

Por outro lado, a nossa Igreja continua a enfrentar o desafio para se abrir à chegada de novos cristãos que vêm para o nosso país para encontrar uma casa, para procurar trabalho ou para encontrar um refúgio contra a perseguição, a opressão, a violência. Os cristãos autóctones são chamados a abrirem-se e a abrirem as suas igrejas a estes novos cristãos a fim de criarem *“ as condições para que aconteça este encontro entre os homens e Jesus Cristo”*. Estes migrantes trazem também a riqueza das suas tradições e culturas que podem ajudar a renovação da fé.

4 - A nova evangelização no meio de pesados desafios.

“É preciso que as comunidades cristãs, marcadas pelas importantes mutações sociais e culturais que grassam dentro delas, encontrem as energias e as vias para se enraizarem de novo, solidamente, na presença do Ressuscitado que as anima do interior. É preciso que elas se deixem guiar pelo seu Espírito: que, de uma maneira renovada elas possam desfrutar o dom da comunhão com o Pai, que elas vivem em Jesus, e que de novo elas possam oferecer aos homens a sua nova experiência como o dom mais precioso de que elas dispõem. (Instrumento laborais n.46). A nossa terra é o clima no qual nós somos chamados a sermos um sinal da presença do Senhor ressuscitado. Os desafios são múltiplos e difíceis.

A nossa terra continua a ser ferida pela de violência, a injustiça, a ocupação e a insegurança. Muitos estão fechados atrás de muros e de check poits, outros encerrados em prisões sofrem discriminações, choram os seres queridos, aspirar a reencontrar os membros das suas famílias dos quais foram separados, vivem no medo e na ansiedade. Os cristãos representam um pequeno rebanho nas nossas sociedades dominadas por outras tradições religiosas, o islão e o judaísmo, e são cada vez mais marginalizados. À nossa volta, enquanto um mundo conhecido se esboroa e que caem ditadores, o futuro anuncia-se incerto no momento em que correntes subjacentes, antes dominadas, hoje desencadeiam-se com força. Muitos dos nossos irmãos e irmãs na fé escolheram emigrar, deixar as nossas comunidades ficando ainda mais pobres e fragilizados. O mundo que nos envolve parece, por vezes, muito ameaçador. Em relação à fé que nós procuramos cultivar, o nosso maior desafio a enfrentar é o desespero.

É neste contexto específico, com todas os seus enormes desafios que devemos conceber de forma criativa e profética uma *“nova evangelização”*. O *adjectivo “nova” refere-se ao contexto cultural diferente e reenvia para a necessidade da Igreja encontrar energia, vontade, frescura e talento na sua forma de viver a fé e de a transmitir (Instrumento laboris, n 49)*. Os discursos e testemunhos da Igreja devem ser expressos no coração mesmo deste clima particular da vida dos fiéis a fim de que estes últimos possam ser sinais de fé autêntica. As nossas igrejas não se devem tornar guetos fechados onde nós próprios estamos separados do mundo ameaçador que nos envolve, mas sim locais de vida dinâmicos, activos e festivos. O Plano pastoral Geral descrevendo a mentalidade da fé sublinha: *“O objectivo (da formação religiosa) é penetrar na*

peessoa humana e influenciar a sua mentalidade para a converter numa mentalidade evangélica. Quando este objectivo é atingido, a vida e a fé estão de acordo uma com a outra. Quando os princípios do evangelho se tornam para o/a Cristão/ã fonte de orientação, de julgamento e de movimento, então as pessoas e as suas próprias acções são conformes à aplicação da mensagem de Cristo. Só assim pode a fé contribuir para a evolução da sociedade e para a edificação da Igreja” (Formação cristã para adultos 33).

Sendo “*um sinal vivo da presença do Senhor ressuscitado*” somos convidados a falar a linguagem da fé que promove igualmente a justiça, a paz, o perdão e a reconciliação e, sobretudo, a esperança, lá onde o mundo e a sua linguagem própria não são senão um sinal de desespero. Esta linguagem deve ser corroborada por actos de fé corajosos que favoreçam a cura e a construção de pontes em todos os níveis da nossa vida. Justamente as palavras que dizemos e os actos que praticamos quando celebramos a Eucaristia – Cristo entregue, ele próprio para a nossa salvação e para salvação do mundo. De facto, o “Ano da Fé” (*será uma ocasião propícia para intensificar a celebração da fé na liturgia, e em particular na Eucaristia que é “o ponto mais alto para o qual tende a acção da Igreja, e, ao mesmo tempo, a fonte de onde brota toda a sua força*”. (Porta fidei, n 9). Além disso, este ano permitirá renovar os fiéis, no momento em que são enviados pela celebração da Eucaristia, a procurarem agir para:

- A edificação de comunidades cristãs que irradiem amor no coração das nossas famílias e paróquias;
- A promoção da colaboração e do testemunho no seio da Igreja católica, enriquecida e não dividida, pela diversidade das estruturas e dos ritos;
- O reforço das relações ecuménicas e a partilha fraterna com todos os outros cristãos enquanto nos esforçamos por dar um testemunho comum do Único Senhor ressuscitado;
- Ousar construir e reforçar as relações com todos os crentes desta terra, muçulmanos, judeus e drusos, todos criados à imagem de um Deus único, Pai amante de todos;
- A procura de todos os nossos irmãos e irmãs humanos para podermos trabalhar juntos na construção de uma sociedade que ofereça a cada um o seu lugar, na dignidade e na segurança, na justiça e na paz.
- No entanto, sejamos conscientes que a falta de alegria e de esperança, são com efeito, os principais obstáculos da nossa vocação na terra. Como o *instrumento laboris* o sublinha “*esta falta de alegria e de esperança é tão forte que atinge o próprio tecido das nossas comunidades cristãs. Neste contexto, também a Nova Evangelização se propõe como remédio para dar alegria e vida contra todos os receios*” (n. 168). A nossa fé deve, com efeito, ser uma fé profética – “*A garantia dos bens que esperamos, a prova das realidades que não vemos*” (Hebreus 11:1) – fundada na profunda experiência de uma relação pessoal e íntima com o Senhor ressuscitado e do seu Pai eternamente fiel às suas promessas.

5 -Algumas sugestões práticas para se viver o Ano da Fé

Encorajamos os párocos, os catequistas, os docentes, os religiosos e as religiosas, os pais, os parentes e todos os fiéis a fazerem deste ano uma ocasião concreta para aprofundar, renovar e refrescar a nossa fé. Façamos das nossas igrejas, das nossas escolas, das nossas instituições médicas e sociais, das nossas casas religiosas e dos mosteiros, e sobretudo, das nossas próprias casas lugares de encontro com Jesus Cristo: Ele chama-nos a que nos convertamos e o sigamos. O que podemos fazer concretamente para marcar este “Ano da Fé”:

Celebrações – exprimamos de diferentes maneiras a nossa fé. O que pode ser marcado tanto por cerimónias nas paróquias como nas dioceses, particularmente significativas neste Ano da Fé, como celebrações inter-rituais que mostrem aos fiéis, principalmente aos jovens, a rica diversidade de ritos no seio das Igrejas Católicas. Estas celebrações comuns têm uma importância particular durante este ano com o fim de reforçar a nossa unidade. Os Ordinários Católicos da Terra Santa vão anunciar uma série de celebrações para marcar este ano.

Sacramentos – celebremos os sacramentos com a consciência profunda de que eles são a expressão viva da nossa fé. Quando celebramos o sacramento do baptismo e/ou da confirmação, que eles sejam uma ocasião de renovar a nossa fé, para além de uma ocasião de juntar os nossos amigos e os nossos próximos à volta da nova graça que Deus dá a cada uma das nossas famílias. Organizemos celebrações penitenciais em cada paróquia para apresentar os fiéis diante de Deus e comecemos uma nova vida de graça, de poder e de amor nas nossas famílias e nas nossas sociedades. Celebremos a Eucaristia, missa de Domingo e dos dias de festa com cada vez mais dignidade. Aproveitemo-las como ocasiões para melhor compreender o dom de Deus, o sentido da sua presença junto de nós no Santo Sacramento e a sua presença permanente como fonte de força e de amor em nós, para que a sua presença se torne, assim, mais activa nas nossas sociedades. Alegremo-nos com a ordenação de padres e diáconos ou das profissões religiosas durante este ano: podem ser uma fonte de alegria muito particular para a família que ofereceu um filho para o serviço de Deus e de todos. Prestemos uma atenção muito especial ao sacramento do matrimónio para o tornar numa alegre ocasião para acolher a graça de Deus e a Sua bênção para a nova família, para lá da alegria social que a envolve. Enfim, que a unção dos Doentes seja uma ocasião de rezarmos com eles, de os acompanhar, de os ajudar a carregar o fardo do seu sofrimento como uma parte dos de Jesus Cristo para a redenção das nossas sociedades ameaçadas pelos perigos materialistas e espirituais. Durante todas estas celebrações, rezemos, proclamemos e fortaleçamos a nossa fé no Senhor ressuscitado e a sua vitória sobre a morte e o pecado.

Peregrinação – nós, fiéis desta Terra Santa, vivemos o nosso quotidiano nos lugares santos. Aqui, no nosso país, em casa, a história da salvação revelou-se e a graça de Deus desceu sobre toda a humanidade. Aqui, entre nós, na nossa casa, são os lugares santos que nos lembram a história da salvação: aqui a Verbo de Deus encarnou e se fez carne. Aqui, ele nasceu, viveu, ensinou, fez milagres, morreu e ressuscitou triunfando da morte, depois subiu ao Céu e enviou o Espírito Santo, no Pentecostes. Aqui, o Senhor habitou no nosso país, estes lugares são ainda os da nossa vida quotidiana. Neste ano, peregrinações aos diferentes lugares santos deveriam ser organizadas para os nossos alunos, pais, profissionais e o conjunto dos nossos paroquianos.

Estudo – Mencionámos, no início desta carta pastoral, os numerosos documentos que podem aprofundar a nossa fé e guiar a nossa vida na Igreja e na Sociedade. Nós devemos conhecê-los, meditar neles, encontrar neles os princípios de acção a fim de sabermos como nos comportarmos nas nossas sociedades e que posição tomar face a diferentes domínios e circunstâncias. A prioridade é o Estudo da Bíblia, daí a necessidade de organizar grupos de estudos bíblicos para aprofundarmos a nossa compreensão da Bíblia, para que a Palavra possa tornar-se o nosso guia em qualquer situação. Devemos igualmente formar grupos que estudem os documentos do Vaticano II, o Catecismo da Igreja católica assim como o plano Pastoral e as cartas pastorais dos Patriarcas católicos do Oriente. Estudemos, com particular atenção, a Exortação de 2012 do Papa Bento XVI para a Igreja Católica do Médio Oriente. É responsabilidade dos párocos com a ajuda das comunidades religiosas dirigir estes grupos de estudo. Os institutos universitários da diocese são convidados a darem uma contribuição para este estudo conjunto convidando leigos para as sessões sobre temas que são pertinentes para este ano.

Formação – trabalhemos para formar todas as pessoas implicadas na vida da Igreja. Organizemos sessões para todos os que participam activamente na liturgia para aprofundarmos a compreensão da liturgia como expressão primeira da fé.

Colaboração entre padres – A nossa fé tem necessidade de testemunhos e o primeiro testemunho é a união do clero e a sua colaboração nos diferentes projectos e iniciativas. Os membros do clero são convidados a rezarem juntos na diversidade dos nossos ritos e a amarem-se uns aos outros. Os encontros entre os nossos padres representam a melhor forma de exprimir isto. Um outro campo de colaboração entre padres pode ser o das homilias. Os padres são convidados a constituir uma compilação de homilias que tratem dos temas do catecismo que possam ser utilizados este ano para reforçar a fé dos fiéis.

Jovens – Tenhamos em conta o Ano da Fé dentro das escolas católicas organizando actividades para os jovens (festas religiosas, música, quizz, jazz etc...) que sensibilizem os alunos e os professores para que cheguem ao conhecimento da fé e possam assim vivê-la em todas as circunstâncias. Nesta ocasião renovamos às escolas a nossa recomendação de darem uma atenção especial ao longo deste ano ao catecismo e à educação religiosa. Pedimos a todos os directores uma atenção cada vez maior ao catecismo. O Ano da Fé deve ser para as escolas “o Ano do Catecismo”. A igreja confiou-lhes a responsabilidade da educação religiosa. Devem educar as gerações no conhecimento da fé, para que elas possam, pela sua luz e pela sua força fazer face aos desafios da vida na Terra Santa.

Cobertura mediática – O ano da fé é também o ano dos media católicos, sendo os media um dos instrumentos mais importantes na educação dos fiéis e na comunicação da imagem verdadeira da fé. Um dos objectivos deste ano deveria ser uma melhor formação cristã para todos os que estão implicados de forma a estabelecer uma ligação entre a fé e a sociedade e todos os seus desenvolvimentos. Que os nossos medias católicos concentrem a sua atenção no tema da fé convidando pessoas a darem um testemunho pessoal da história da sua fé – é possível apoiar-se nas experiências dos leigos, dos religiosos dos contemplativos, dos padres, dos bispos.

Iniciativas ecuménicas – O Ano da Fé na Terra Santa, onde há diversidade e divisão entre as Igrejas e onde vivem diferentes religiões deve também ser um ano de acção ecuménica entre os cristãos e de diálogo com as outras religiões a fim de reforçar o amor, a compreensão mútua e a colaboração entre todos os crentes. A semana da oração para a unidade dos cristãos, em Janeiro, deveria ter um significado especial neste Ano da Fé. Procuremos os nossos irmãos e irmãs nas outras igrejas e comunidades eclesiais, a fim de sublinhar a nossa fé comum em Jesus Cristo. Os párcos, religiosos e religiosas deveriam preparar-se para dedicarem uma semana de oração em todas as paróquias, lembrando cada dia Jesus (cf. João 7-24) pela unidade dos cristãos. De igual maneira a Semana para a unidade dos cristãos poderia ser alargada para uma semana de “diálogo e compreensão mútuos” entre os crentes das diferentes religiões, como contribuição para o crescimento do amor entre as pessoas nas nossas sociedades divididas por tantas querelas políticas e sociais.

Ocasões partilhadas na reflexão – É com uma particular alegria que os Ordinários Católicos da Terra Santa vão anunciar, conforme forem acontecendo, medidas e iniciativas comuns aos cursos do “Ano da Fé” Eles desejam que estas ocasiões sejam momentos partilhados pelos seminaristas, os estudantes, os religiosos e as religiosas, as pessoas consagradas e todos os fiéis a fim de reflectirem juntos sobre este ano. Não são mais do que algumas ideias práticas que podem incitar o nosso clero e os nossos fiéis para aproveitarem ao máximo esta ocasião bendita. Nós encorajamo-los a tomarem iniciativas em colaboração com os Padres e os Bispos com vista a promover este ano como uma ocasião de aprofundamento da nossa fé.

6 - Conclusão: Um “Ano da Fé” para as gerações vindouras

Na sua exortação post-sinodal *Eclesia in Medio Oriente*, o Papa Bento XVI falando para nós disse: *“O Ano da Fé que se situa no contexto da Nova Evangelização” será, se for vivido com uma intensa convicção, um excelente estímulo para promover uma evangelização interna das Igrejas da região e para consolidar o testemunho cristão. Dar a conhecer o Filho de Deus morto e ressuscitado único Salvador de todos é um dever constitutivo da Igreja e uma responsabilidade imperativa de todo o baptizado. “Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm. 2,4). Face a este trabalho urgente e exigente num contexto multicultural e plurirreligioso, a Igreja goza da assistência do Espírito Santo, dom do Senhor Ressuscitado, que continua a ajudar os seus, e o tesouro das grandes tradições espirituais que ajudam na procura de Deus”* (*Eclesia in Medio Oriente* n. 88)

Esta Exortação apostólica dirige-se a nós e às nossas Igrejas, para que possamos crescer na nossa unidade e no nosso amor mútuo, na mesma casa, na mesma diocese, no seio de todas as Igrejas que devem ser, na sua essência mesma, uma só Igreja. A Exortação menciona, igualmente, os acontecimentos nas nossas sociedades árabes, porque somos uma parte dessa sociedade. A Exortação leva-nos a definir o nosso papel no meio destes acontecimentos. Antes de mais, o cristão deve-se conhecer a si próprio para saber o que tem a fazer. No mundo árabe de hoje, com todas as suas convulsões, todas as suas revoluções políticas e sociais, e na sociedade israelita com todos os seus componentes calmos ou opressores, misturam-se a perplexidade, a ansiedade, e o medo do futuro no coração de muitos fiéis. Nós dizemos: um cristão, um verdadeiro crente não teme nada. Um cristão não pode ficar na perplexidade. Um cristão sabe no que acredita. Ele sabe que Deus é um pai compassivo e misericordioso, que a sua bondade vencerá todas as manifestações do mal de que sofremos hoje. Trata-se de um Ano da Fé do qual um dos objectivos é convidar o cristão a conhecer-se, e a conhecer o seu lugar e o seu papel na sociedade, no plano de Deus, na sua Providência e no seu Amor. Nosso Senhor Jesus Cristo disse-nos que o crente pode mover montanhas, o que significa que ele pode modificar as sociedades. Nós somos crentes, nós podemos transformar estas sociedades com a força e o amor de Deus.

Atravessamos um período histórico difícil, mas necessário, com as suas revoluções e com todas as novas forças que ele traz. São dias difíceis para nós e para todos os nossos compatriotas. Jesus afirmou (Mateus 10:30-1, cfr. Lucas 21:18). Devemos procurar a graça de Deus em todos estes acontecimentos, mesmo onde há morte, sangue, emigração forçada e perseguições. Devemos procurar a vontade de Deus em todos estes acontecimentos, qual é a vontade de Deus para nós, e para todos os nossos países e qual é o nosso papel nesta tempestade que ruge à nossa volta. Jesus proclama-nos igualmente: *“é pela vossa constância que salvareis as vossas vidas”* (Lucas 21, 19)

Nós comprometemo-nos, neste Ano da Fé, a uma tomada de consciência da nossa responsabilidade. Nós desejamos transmitir a nossa fé em especial às gerações vindouras que assegurarão a continuidade do testemunho do Senhor ressuscitado. Definitivamente a fé que nós procuramos é uma graça e nós rezamos para que nosso Senhor Ressuscitado possa verdadeiramente aumentar a nossa fé e fazer de nós verdadeiros testemunhos felizes e cheios de esperança.

Nós procuramos renovar a determinação com a qual terminamos o Plano Pastoral Geral: *“A nossa Igreja é uma igreja viva, sejam quais forem as dificuldades, os obstáculos e as derrotas, ela abre o coração à graça do futuro que lhe vem do seu Senhor. É o futuro que queremos construir juntos na esperança e na acção, na alegria e no zelo segundo a graça de Deus que renova e regenera as nossas Igrejas pondo-as ao serviço do Reino e da humanidade, e*

seguindo também a presença de Cristo entre nós. “Aquele que é o mesmo ontem, hoje e amanhã”. (Hebreus 13,8) Juntos para o futuro, Plano Pastoral Geral, 190).

Em conclusão viramos o nosso olhar para Maria “Mãe de Deus, proclamada “Bem-Aventurada porque acreditou” (Lucas 1:45)” (Porta fidei, n 16) filha da nossa terra e sua rainha, para que ela possa interceder por nós e seja sempre o nosso modelo, Ela que soube guardar os olhos fixos Naquele que é nosso Salvador e nosso Redentor.

Eis porque nós também, envolvidos como estamos numa tão grande nuvem de testemunhos

Nós devemos deitar fora todo o fardo e o pecado que nos fazem cerco,

E correr com constância a prova que nos é proposta,

fixando os nossos olhos no chefe da nossa fé, que a leva à perfeição, Jesus,

que em vez da alegria que lhe era proposta, suportou a cruz

cuja infâmia desprezou,

e que está agora sentado à direita do trono de Deus

(Hebreus 12:1-2)

Pedimos a Deus Todo-Poderoso que vos abençoe a todos – Pai, Filho, Espírito Santo

+Fouad TWAL - Patriarca de Jerusalém – Presidente

+Giorgio LINGUA – Núncio apostólico na Jordânia

+Elias Chacour - Arcebispo Grego Melequita Católico de Akka – Vice Presidente

Mgr. Valdemar Sommertag – Encarregado de Negócios da Delegação Apostólica em

Jerusalém e & Palestina, Nunciatura Apostólica Israel e Chipre

+Michel SABBAH Patriarca de Jerusalém Itno, emérito

+ Yaser AL-AYYAH – Arcebispo Grego Melequita de Amã

+Joseph SOUEIF – Arcebispo maronita de Chipre

+ Mussa EL-HAGE – Arcebispo Maronita de Haifa e Terra Santa

+Boutros MOUALLEM – Arcebispo Grego Melequita Católico emérito

+Joseph Jules ZEREY Vigário Patriarcal Grego Católico de Jerusalém

+ Gregório Pierre MELKI – Exarca Sírio Católico de Jerusalém

+Maroun LAHHAN – Vigário Patriarcal Latino / Jordânia

+Giacinto-Boulos MARCUZZO – Vigário Patriarcal Latino /Israel

+William SHOMALI – Vigário patriarcal latino / Jerusalém e palestina

+Kamal-Hanna BATHISH – Bispo Auxiliar emérito

+Selim SAYEGH – Bispo Auxiliar emérito

Mgr. Joseph TELEKIAN – Exarca Arménio Católico / Jerusalém

Padre Pierbaptista PIZZABALLA, O.F.M. – Custódio da Terra Santa

Padre David NEUHAUS, S.J. – Vigário Patriarcal - Vicariato de expressão hebraica

Padre Evencio HERRERA DIAZ O.F.M – Vigário Patriarcal para Chipre

Padre Raymond MOUSSALLI – Vigário Patriarcal Caldeu para a Jordânia

Padre Pietro FELLET, SCJ – Secretário - Geral

Jerusalém, 7 de Outubro de 2012